

# Breves notas para pulsar

*Luciane Ramos-Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Diversas abordagens no campo das artes da cena empenharam-se em trazer para o centro da reflexão sobre o corpo algumas noções acerca do ritmo e do equilíbrio a partir de perspectivas do campo de produção de conhecimento em dança. Perspectivas estas que contribuem para um entendimento sobre as relações intrínsecas entre corpo e contexto, o interno e o externo, a subjetividade e o cosmos. Mirando a cinesiologia, as danças afro-diaspóricas e o pensamento de duas grandes referências da intelectualidade negra mundial, a peruana Victoria Santa Cruz e a beninense/senegalesa Germaine Acogny, e ainda entrecruzando alguns apontamentos de teorias sobre a diáspora negra, oferecemos algumas perspectivas para as reflexões sobre corpo e sociedade, reconhecendo o ritmo como potencial elemento engendrador de um *pulso coletivo*.

**Palavras-chave:** Diáspora negra. Corpo. Dança. Ritmo.

## Brief notes to pulse

**Abstract:** Several approaches in the field of performing arts have endeavored to bring to the center of reflection on the body some notions about rhythm and balance from the perspectives of the field of knowledge production in dance. These perspectives contribute to an understanding of the intrinsic relationships between body and context, the internal and the external, subjectivity and the cosmos. Aiming at kinesiology, afro diasporic dances and at the thinking of two great references of the black world intellectuality, the Peruvian Victoria Santa Cruz and the Beninese/Senegalese Germaine Acogny, and still intertwining some notes on the theories about the black diaspora, we offer some perspectives for the reflections on body and society recognizing rhythm as a potential element that engenders a *collective pulse*.

**Keywords:** Black Diaspora. Body. Dance. Rhythm.

Ao longo da história narrada pelo Ocidente<sup>2</sup>, no interior das diversas áreas de produção de conhecimento, disseminou-se uma ideia de corpo restrita ao

---

<sup>1</sup> Luciane Ramos-Silva é artista da dança, antropóloga e curadora independente. É doutora em Artes da Cena e mestre em Antropologia pela Unicamp. Nos últimos dez anos, desenvolveu projetos sobre corpo, cultura e colonialidade. É codiretora da revista *O Menelick2Ato* e gestora de projetos do Acervo África. Compõe a *Anikaya Dance Theater*, companhia sediada em Boston. [lucianeramoss@gmail.com](mailto:lucianeramoss@gmail.com)

<sup>2</sup> O termo Ocidente tal qual utilizado aqui diz respeito à Europa, Estados Unidos e seus seguidores bem-sucedidos.

sentido instrumental e material, na contramão das perspectivas que o conceberam como universo de produção de sentidos, entidade múltipla que conjuga o complexo simbólico, o material e a construção social. Há uma herança dessa modernidade ocidental ao longo dos séculos que, mesmo diante das discussões críticas edificadas no percurso de ascensão e queda de paradigmas, ainda influencia as formas contemporâneas de pensar o corpo<sup>3</sup>.

Nesta breve discussão, entendemos corpo na dimensão legada pelas perspectivas africanizadas, quais sejam:

O corpo, manifestação visível do homem, possui um complexo externo e outro interno, ambos se encontrando em relação constante. O primeiro é percebido pela figura, flexibilidade, movimento e capacidade de criar espaços naturais e sociais. O complexo interno está ligado à noção de entranhas, que define a manifestação interior de fatores naturais e sociais, abrangendo - além da explicação relativa aos órgãos e sistemas ligados à noção de vida física - a capacidade do homem experimentar sentimentos. Deve ser acrescentado que o significado social do corpo é proposta precisa: ele constitui em referencial histórico, aparecendo como fator de individualização, de trabalho e de reprodução da sociedade (LEITE, 1995-1996, p. 5).

O interesse em referenciar esta noção de corpo se assenta no fato das danças afro-diaspóricas serem o principal campo para nossas reflexões e, enquanto tais, agregarem essa dimensão expandida de corpo, em oposição à noção herdada pelo pensamento cartesiano em que corpo, mente e contexto estão cindidos.

E se estamos relacionando corpo e sociedade, é importante apontar que o corpo corresponde também a um dos suportes para a repressão colonial: corpo e linguagem são esferas nas quais as formas coloniais de mundo agem de maneira eficiente, suprimindo existências e possibilidades de nos compreendermos em profundidade e ampliarmos as maneiras de conviver em sociedade. O momento político vivido neste fatídico 2020<sup>4</sup> também chama a atenção para como formas de disciplinar, reduzir e limitar o corpo, dentre as obsessões ligadas ao mundo capitalista, são heranças do pensamento eurocêntrico que submete o corpo a inúmeras ordens de controle. Ao mesmo tempo, chama a atenção para como aqueles corpos situados fora das ordens hegemônicas são encarados como atípicos, exóticos, incontrolláveis e, no limite, perigosos.

---

<sup>3</sup> A noção polarizada entre corpo e mente, oriunda do dualismo cartesiano vai se estender ao longo da história da ciência, assim como teorias que tanto insistiam no determinismo biológico quanto outras correntes que viam a humanidade apenas pelo viés social. Marcel Mauss, com seu texto "As técnicas corporais" (1974 [1950]), foi de grande importância para a ruptura dessas noções.

<sup>4</sup> A pandemia do novo coronavírus, além de matar e trazer a memória da ferocidade das doenças infecciosas que abalaram a humanidade ao longo dos séculos, evidenciou, entre outros aspectos, a fragilidade, despreparo, insuficiência de atenção e por vezes, arrogância, dos Estados Nação. No Brasil especificamente, testemunhamos um Estado que reveza entre negar e ignorar a pandemia, abandonando a população à sua própria sorte e agravando a situação de desigualdade brutal que o país vivencia. As políticas de privatizações, de destruição da educação e saúde pública, bem como o aumento vertiginoso das posturas racistas, homofóbicas, misóginas, transfóbicas e toda sorte de expressões de ódio pelo outro, são sinais de um período que evidencia o gosto humano pela banalização do mal e pelo exterminador do diferente. Ao mesmo tempo vemos fortalecer diversos movimentos de luta por direitos no campo dos ativismos sociais e políticos que respondem, na medida do possível neste estado de confinamento e certa apatia de setores da sociedade civil, às brutalidades destes tempos.

A crítica à colonialidade e sua presença nas formas de se produzir conhecimento acadêmico, nas considerações sobre a cultura, no senso comum sobre a vida em sociedade, entre outros contextos, tem sido abordada de maneira crescente no campo das artes da cena, seja através de publicações que apostam nas epistemologias afro-orientadas, indígenas ou feministas, ou de curadorias que questionam os sistemas hegemônicos de artes, ou dos próprios atos criativos consubstanciados em dança, teatro ou performance. Ela abre searas para repensarmos todo o projeto de educação que nos forma e as epistemologias que, por serem hegemônicas, impedem a fluência de perspectivas ligadas às formas africanizadas e indígenas de escrita de si. Cabe reforçar que ao falarmos de epistemologias, grosso modo “teorias de conhecimento”, falamos de produções oriundas de contextos acadêmicos, bem como das percepções e ciências do cotidiano auferidas pela experiência. Trata-se de epistemologias que primam por conhecer “com o corpo” e que se voltam para o benefício do comum.

## Sentidos de comunidade e de continuidade

Nas experiências afro-diaspóricas, o corpo se desenvolve a partir de redes de coletividade que são expressões de corporativismos, resistências político-culturais e modos de forjar outras perspectivas. Um corpo sozinho não engendra mundos; é necessário que ele se engaje coletivamente em um *pulso coletivo*. Isto não é novidade quando recobramos as maneiras de se constituir das comunidades de quilombo, as sociedades tradicionais africanas, os movimentos de mulheres das periferias ou as diversas propostas de aprendizagem de técnicas de danças afro-orientadas: nelas, “mover” junto significa cuidar, fortalecer e garantir a continuidade.

Numa perspectiva ligada à noção de território, o corpo cria e recria memórias que se atualizam no vivido. O corpo em coletividade constitui o próprio território, afirmando e imaginando novos mundos.

No que se refere às práticas pedagógicas de danças afro-orientadas, em que a música é comumente expressa ao vivo, o ritmo torna-se esse elemento engendrador. Escutar e sentir possibilita tanto renovações e reconstruções das tradições e memórias quanto a comoção que leva à criatividade. A relação do corpo que dança com a música cria uma espécie de teia viva, que não cessa de ser construída.

A ideia de controle interno do pulso, *inner pulse control*, referida por Thompson (2011) na obra *The flash of the spirit*, como um princípio africano que se estabelece na diáspora nas expressões de música e dança, é um exemplo das propostas desenvolvidas em sala de aula que trazem para a percepção corporal essa noção de uma espécie de “metrônomo” que mantém o pulso consciente como um denominador comum.

## Cósmico e eterno organizador

Compreendemos que a relação música e dança nos universos afro-orientados é estabelecida na comunicação, relação e complementariedade - o que

se verifica em diversas tradições no Brasil, Caribe e contextos africanos. O corpo que dança pode se relacionar em similaridade, fricção, complementaridade, entre outras possibilidades. No que se refere ao ritmo, este atua como uma captura singular do tempo. Lembremos o que diz Muniz Sodré:

Esse ritmo compreendido pelo corpo cria a noção de tempo e, portanto, do movimento. Assim, o ritmo, enquanto maneira de pensar duração implica uma forma de inteligibilidade do mundo, capaz de levar o indivíduo a sentir, constituindo tempo, como se constitui consciência. Ritmo enquanto consolidação do tempo cósmico, portanto cíclico e contínuo (SODRÉ, 1979, p. 21).

A experiência de captura e entendimento do ritmo tem efeito não apenas no campo abstrato, gerando diversas emoções, mas também reverbera em realidade física na respiração, na temperatura da pele, e mesmo em impulsos no cérebro.

## **A marcha e o ritmo**

Compreender a marcha humana prevê compreender ritmo - na própria mecânica da marcha, nesse movimento que diferenciou, assim como a linguagem, o homo sapiens das outras espécies, há uma noção elementar de ritmo ligada a perda e recuperação de equilíbrio enquanto andamos. Estudos da chamada cinesiologia indicam que a marcha acontece a partir de uma consciência de um ritmo - isso nos faz seguir adiante na sequência de perder e recuperar o equilíbrio enquanto andamos. Essa noção de ritmo se relaciona potencialmente com uma escuta interna, um ritmo de dentro do corpo que, se por um lado tem a ver com pulsações orgânicas, também está relacionado com uma consciência da força da gravidade e do jogo que executamos com ela. É preciso perceber esse ritmo interno, bem como os espaços e proposições rítmicas que ele anuncia. Há, portanto, uma capacidade geradora e catalizadora do ritmo, que o torna condutor de relações e criatividade.

## **Victoria Santa Cruz**

Importante figura das artes da cena afro-peruana, Victoria Santa Cruz (1922-2014) foi uma coreógrafa, poeta e diretora teatral. Fez contribuições inestimáveis no campo das estéticas e poéticas de perspectiva negra Latino-Americanas. Além de protagonizar uma importante cena de projeção das artes e culturas afro-peruanas nos anos 1960 e 1970, Victoria tem uma longa trajetória em pesquisa, criação, ensino, tanto em seu país natal quanto em contextos dos Estados Unidos e Europa. Herdeira de uma família de prodigiosos artistas, Victoria cria junto com Nicomedes Santa Cruz, seu irmão, o grupo teatral pioneiro difusor da cultura afroperuana Cumanana. A artista também concebe em 1967 o Teatro e Danças Negras do Peru, uma companhia pluridisciplinar de dança, canto e interpretação.

Embora a densidade da obra da artista seja pouco estudada no Brasil, a versão musicada de seu poema “Me gritaram negra”<sup>5</sup> circulou com força nos contextos de arte negra e ativismo nos últimos anos, tornando-se referência poética de autoafirmação para jovens mulheres negras. Pioneira no campo da cultura e da política, além de se preocupar com a visibilização dos repertórios culturais negros do Peru, Victoria entendia que a arte possibilitava o contato profundo da pessoa consigo mesma e a fortalecia para o desenvolvimento de suas potencialidades<sup>6</sup>.

Um dos aspectos essenciais que desenvolveu com os artistas e que teorizou a partir de uma perspectiva prática é a noção de ritmo. Sua abordagem imortalizada na obra *Ritmo: el eterno organizador* (2004) e presente em sua metodologia de educação, traz uma visão filosófica em que ritmo é fluxo vital e subjetividade, indo além da noção de métrica presente nas epistemologias eurocêntricas. Para a artista, o ritmo não é algo que primeiramente se mede e se reproduz, mas está relacionado com um entendimento profundo da pessoa e de sua relação com o ambiente, um equilíbrio de forças que não desconsidera os diferentes polos de forças existentes. Assim, em suas próprias palavras, é preciso “recuperar a tensão rítmica da união”, pois, quando se perde o ritmo, as partes se isolam e emergem o excesso e a ausência. Entender o ritmo exige uma escuta interna: “descobrir os segredos do ritmo quer dizer os segredos do silêncio” (SANTA CRUZ, 2019, p. 78).

Sendo uma perspectiva filosófica, essa noção relaciona-se também com um entendimento de tempo que é ciclo e transformação, rebatendo as noções de desenvolvimento e superação tão presentes no espírito capitalista liberal.

Naquilo que toca à experiência corporal, Victoria afirma que o ritmo tem uma capacidade integradora, ligada ao bem-estar e à harmonia. É digno de nota que nos anos 80, lecionando na Carnegie Mellon University, em Pittsburgh, Victoria leciona o curso que leva o seguinte nome: “Descobrimientos e desenvolvimento do ritmo interior”.

Essa proposição de Victoria, que aqui apresento de maneira apenas introdutória, tem reverberado com intensidade no Corpo em Diáspora, pedagogia em dança que desenvolvo e que tem como um de seus inúmeros fundamentos a consciência do pulso, que é, a um só tempo, pulsação, relação com o centro da terra, ou seja, aterramento e vibração, assim como perspectiva simbólica que significa a manutenção da vida.

## Germaine Acogny

Coreógrafa e artista da cena nascida no Benin e emigrada para o Senegal em tenra idade, Germaine Acogny é referência ativa e fundante das danças africanas. Produz um pensamento consolidado em dança a partir da síntese entre danças da África do Oeste, sobretudo das regiões do Senegal e do Benin, dança clássica e dança moderna europeia. Sua atuação como diretora artística do Mudra Afrique, Escola Pan-Africana de artes criada durante o governo de Leopold Sedar Senghor

---

<sup>5</sup> O poema “Me gritaron negra” foi escrito em 1978.

<sup>6</sup> Para uma abordagem aprofundada sobre a obra de Victoria Santa Cruz ver Almeida (2017).

sob direção de Maurice Béjart, é um dos importantes movimentos em que esteve envolvida.

Fundadora da Escola de Areias, centro internacional de formação em danças tradicionais e contemporâneas da África, localizada em Toubab Dialaw (Senegal), a artista engendra uma pedagogia de dança que conjuga técnicas europeias e africanas. Tem como elemento condutor dessa relação a ligação expressa com as forças da natureza e com uma percepção do universo enquanto energia integrada ao corpo - uma noção de corpo considerado globalmente e cuja energia circula em si e no universo, premissa presente em diversas culturas africanas e que segue mal compreendida nos diversos contextos não africanos, quando reduzida ao misticismo. Trata-se da percepção fundamental do corpo como *cosmos* e como *mobilizador de energias vitais* de maneira muito concreta. Esse diálogo que, segundo Germaine, é filosofia da vida e do corpo, constitui-se também como uma percepção da espiritualidade - a conexão da pessoa que dança com os contextos ao redor, numa perspectiva somática.

Quando nomina o contexto africano no qual situa sua pesquisa, Germaine faz referência a uma síntese de danças da floresta e do Sahel. Os diversos elementos se associam às imagens daqueles contextos, como o baobá, árvore grandiosa muito presente nos imaginários sobre África dentro e fora do continente. A coreógrafa também usa a simbologia dos astros e os situa em partes específicas do corpo: denomina sol a região próxima ao osso esterno; lua (neste caso, luas) a região das nádegas; e estrelas a região do púbis.

A dimensão do corpo e do movimento como uma integração de forças é base forte da pedagogia Acogny, e entender simbolicamente o movimento contínuo do sol, da lua e das estrelas é entender a necessidade de movimentos dos nossos próprios astros internos, do contrário, tem-se a catástrofe, como a artista costuma dizer.

Nessas dessas breves notas tecidas em diálogo com os legados de artistas referências da intelectualidade negra de África e da diáspora, discutimos que o ritmo e o equilíbrio com o cosmos, entendidos de maneira expandida, são bases elementares do movimento, fortalecendo a consciência da pessoa sobre si, sua capacidade de agir de maneira autônoma, de se engajar coletivamente e interrogar as realidades que a cercam. Os pulsos internos são a um só tempo consciência e interação com o ritmo do mundo.

## Referências Bibliográficas

ACOGNY, Germaine. **Danse Africaine**. Francfort, Weingarten, 1994.

ALMEIDA, Danielle Alves de. Me Gritaron Negra: influencias y aportes de la vida y obra de Victoria Santa Cruz en el proceso de construcción de identidad negra en Perú y América Latina. **Dissertação** de Maestría em Ciências da Educação, Departamento de Educación y Humanidades de la Universidad de Monterrey. San Pedro Garza García, N.L., México, 2017.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, São Paulo, v. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995-1996.

- MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**, EUA. v. 21, n. 2, p. 240-270, 2007.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- SANTA CRUZ, Victoria. **Ritmo: el eterno organizador**. Lima, Perú, 2019.
- SILVA, Luciane da (Luciane Ramos-Silva). **Corpo em diáspora**. Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny. Tese Doutorado. Artes da Cena. Unicamp, 2018.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- THOMPSON, Robert Farris. Aesthetic of the cool. **Afro-Atlantic**. New York: Periscope, 2011.